

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Suspensão (e outras alterações) de tempo e espaço na poética de Hélio Ferverza

Eduardo Ferreira Veras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-8454-1589>
eduardo.veras@hotmail.com

Resumo

Em sua prática artística, Hélio Ferverza vem propondo diferentes possibilidades de percepção sobre o tempo: o tempo histórico, o tempo clima, os tempos internos de cada um. Seu trabalho torna presentes, igualmente, os tempos que parecem suspensos, os intervalos que se instalam, os apagamentos que os acompanham. Em paralelo, essa poética oferece a ideia de imbricação entre tempo e espaço. As evocações se dão a partir do uso de parênteses, chaves, colchetes e outros sinais gráficos, espalhados pelas paredes de espaços expositivos. Na individual "Tempos reversos", apresentada em 2018, na Galeria Mamute, em Porto Alegre, a obra de Ferverza revestiu-se, ainda, de um marcado acento político. A presente comunicação busca discutir como, nas partes e no todo, esses trabalhos – concebidos em tempos sombrios – parecem atravessá-los, absorvê-los e, de alguma forma, enfrentá-los.

Palavras-chave: Hélio Ferverza. Tempos reversos. Arte e política. Espaço e tempo. Exposição de arte.

Résumé

Dans sa pratique artistique, Hélio Ferverza propose différentes possibilités de perception du temps : le temps historique, le temps climatique, les temps internes de chacun. Son travail rend aussi présents les temps qui semblent suspendus, les intervalles qui s'installent, les ratures qui les accompagnent. En parallèle, cette poétique propose l'idée d'imbrication entre le temps et l'espace. Les évocations reposent sur l'utilisation de parenthèses, accolades, crochets et autres signes graphiques. Dans l'exposition "Tempos reversos", présentée en 2018, à la Galeria Mamute, à Porto Alegre, le travail de Ferverza avait également un accent politique marqué. La présente communication cherche à discuter comment ces œuvres – conçues dans des temps sombres – semblent les traverser, les absorber et, en quelque sorte, leur faire face.

Mots-clés: Hélio Ferverza. Tempos reversos. Art et politique. Espace et temps. Exposition d'art.

Arte em tempos sombrios, mote deste 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, logo me remeteu ao trabalho de Hélio Ferverza. Lembrei de uma exposição realizada pelo artista em 2018, em Porto Alegre. A mostra intitulava-se *Tempos reversos*, e tive a sorte de acompanhá-la no papel de curador. Ali, nas partes e no todo, Ferverza oferecia uma potente manifestação de inconformidade política – o Brasil vivia então sob o governo Temer.¹

Antes de propor uma abordagem da exposição, eu gostaria de apontar certas constâncias na produção do artista, para, a partir delas, sublinhar o que considero o viés mais singular de *Tempos reversos*. Estimulantes noções de *tempo* aparecem, desde pelo menos a segunda metade dos anos 1980, na poética de Ferverza. Chama a atenção tanto a sua evocação a partir de caracteres gráficos (parênteses, colchetes, chaves) quanto suas distintas espessuras de sentido ou, ainda, seus diferentes apelos à nossa percepção.

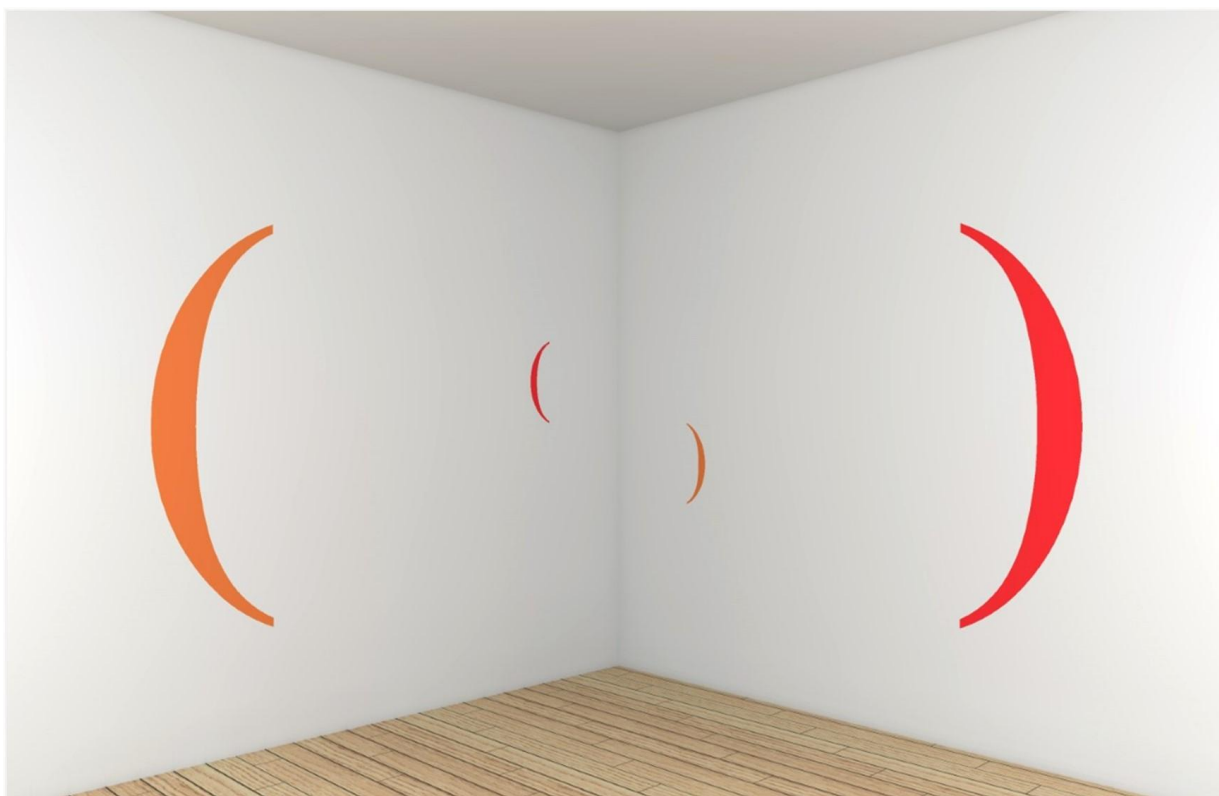


Figura 1. Hélio Ferverza. *Desencontros: planos de fuga*., 2018. Adesivagem vinílica sobre parede, dimensões variáveis. Fotomontagem do autor.

Começo por um único trabalho, que veio a público pouco depois da exposição que busco comentar aqui (em seguida, farei um recuo maior no tempo).

¹ Artista brasileiro contemporâneo, nascido em Santana do Livramento em 1963, vive e trabalha em Porto Alegre. Doutor em Artes Plásticas pela Universidade de Paris I (Panthéon, Sorbonne), Hélio Custódio Ferverza é professor do Instituto de Artes da UFRGS e pesquisador do CNPq, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Participa regularmente de exposições individuais e coletivas; destacando-se, entre elas, a 55ª Bienal de Veneza (2013), a 30ª Bienal de São Paulo (2012) e a 2ª Bienal do Mercosul (1999). A individual *Tempos reversos* ocorreu entre maio e setembro de 2018, na Galeria Mamute, no centro de Porto Alegre.

Desencontros: planos de fuga: (fig. 1) consistia na adesivagem de dois pares de parênteses – quatro finas lâminas de vinil – em um canto de parede: de um lado, um grande sinal gráfico, de quase dois metros de altura, e um pequeno (ambos convexos); do outro, um grande e um pequeno (os dois côncavos), sendo um par grande-e-pequeno em vermelho, e o outro em laranja.² Após o embaralhamento inicial (qual parêntese fecha com qual?), o olhar do visitante logo optava pelas cores, e não pelas dimensões: vermelho com vermelho, laranja com laranja. O que se abria grande fechava pequeno, o que se abria pequeno fechava grande.

Em razão do canto de parede e das diferentes alturas em que estavam colados, os dois pares de parêntese meio que se cruzavam em pleno ar, pareciam flutuar, desgrudados das paredes, fazendo valer, enfim, o que o título anunciava. Ou antes: os parênteses seguiam nas paredes, mas aquilo que eles contingenciavam (o nada) é que parecia desgrudar-se e flutuar. A própria sala entrava em estado de suspensão. A noção de intervalo que os parênteses propõem – tanto na linguagem escrita quanto na matemática – ocorria, nesse caso, espacial e temporalmente.

Tradicionalmente, parênteses funcionam como avisos que interrompem uma cadência linear. Eles aparecem para nos anunciar uma cessação passageira. O curso foi descontinuado, embora saibamos que adiante será retomado. Logo há de se recompor. Os parênteses sinalizam, da mesma forma, uma separação: o dentro e o fora, o contido e o incontido. Sugerem, ainda, a ideia de prioridade. O conjunto interno deve ser examinado com urgência. Talvez seja apenas um detalhe, mas requer primazia. O que vai do lado de dentro pertence à esfera das explicações, das minúcias e dos exemplos. Pode ser apenas um devaneio, ou a chance de uma trégua, mas será sempre um desvio no *continuum* dos fluxos.

Desencontros: planos de fuga: (assim mesmo, com os dois-pontos em aberto e sem complementação direta) parece lidar com toda essa sorte de evocações – descontinuação, provisoriedade, separação, urgência, mudança de posição – tanto no espaço quanto no tempo. Os parênteses, abrindo-se e fechando-se, para além das paredes, no próprio vazio da sala do museu, alteram nossa percepção do espaço; da mesma feita, metaforicamente, perturbam nossa apreensão de tempo. Embora não se veja *nada*, de fato, entre os parênteses, estão em seu interior o próprio espectador, o espaço e o tempo. Tudo em suspensão.

Ferverza terá logrado apresentar, aqui, creio eu, a interrelação proposta pela geógrafa britânica Doreen Massey. Em sua extensa revisão epistemológica e historiográfica sobre o tradicional *antagonismo* entre tempo e espaço, ela reivindica que esses dois vetores sejam compreendidos como “mutuamente

² O trabalho foi apresentado na exposição coletiva O poder da multiplicação, promovida pelo Goethe-Institut, com curadoria de Gregor Jansen, diretor da Kunsthalle Düsseldorf. A primeira versão esteve no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Margs), em Porto Alegre, entre setembro e novembro de 2018. Uma segunda versão, sob o título Die macht der vervielfältigung, ocupou o Leipziger Baumwollspinnerei, em Leipzig, na Alemanha, entre fevereiro e março de 2019. A convite do artista, assinei um texto para o catálogo: VERAS, Eduardo. “(Arte do desencontro)”. In: LUDEMANN, Marina (org.). O poder da multiplicação / Die macht der vervielfältigung. São Paulo: Estação Liberdade; Berlim: Kerber, 2018, p. 119-122.

imbricados”, como se fossem uma coisa só, sem inimizades: “[...] a vida é tanto espacial quanto temporal”.³

Na instalação de Ferverza, os dois pares de parênteses (o vermelho e o laranja), ao quase se cruzarem em pleno ar, afetam diretamente nossa percepção do espaço expositivo (os parênteses seguem grudados na parede, mas o vazio que eles contêm dança à nossa frente); da mesma feita, ocorre uma transformação, ainda que seja mais metafórica do que literal, de nossa noção de tempo (os intervalos pulsam diante de nós). As duas dimensões, duração de espaço e duração de tempo, operam mutuamente imbricadas, uma afetando a outra. Evoca, se quisermos, certa passagem do *Ulisses*, de Joyce, na tradução de Antônio Houaiss: “Um muito curto espaço de tempo através de muito curtos tempos de espaço”.⁴

Trabalhos anteriores de Ferverza, desde pelo menos a segunda metade da década de 1980, como já referi, estabeleciam já esse convívio, embora em diferentes níveis e de diferentes maneiras, recorrendo seguidamente aos parênteses e outros sinais gráficos – provenientes, também eles, da expressão verbal e da matemática: chaves, colchetes, vírgulas. A exposição *Conjunto vazio* (1998) deixava vazio, como prenunciava o título, todo o espaço da Galeria Iberê Camargo, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, adesivando, nas paredes e em uma coluna, seis pares de parênteses, que abraçavam uns aos outros (fig. 2). Na instalação *Folhas e rasuras* (2000), na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes da UFRGS, também em Porto Alegre, os parênteses encontravam travessões. Na Bienal de Veneza (2013), as chaves não se abriam nem fechavam, antes se emendavam, projetando conjuntos não exatamente vazios, mas abertos em todas as direções. Na série *ruídos silenciosos, dentro fora* (2013-14), no Museu Víctor Meirelles, em Florianópolis, Santa Catarina, novo embaralhamento: a chave aberta fechava-se não com outra chave, mas com um parêntese. Em *Local extremo* (2016), no Espaço Cultural da ESPM, em Porto Alegre, os colchetes buscavam seus pares em outras paredes da galeria.⁵

Na exposição que nos interessa aqui, em comparação com essas experiências anteriores ou com *Desencontros*, a imbricação espaço-temporal parece que se enfeixa em torno de um posicionamento político mais agudo e mais explícito. Não se trata, por óbvio, de ativismo panfletário. Em *Tempos reversos*, a nota crítica se faz sutil – “austera”, como observa o próprio Ferverza.⁶ Importante lembrar que a exposição foi inaugurada em maio de 2018; antes, portanto, das eleições de outubro daquele ano, com os resultados que bem conhecemos; mas

³ MASSEY, Doreen. *Pelo espaço – Uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 56.

⁴ JOYCE, James. *Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 42.

⁵ Saliente-se aqui que, por vezes, os parênteses, na obra de Ferverza, repercutem em gestos feitos com as mãos ou, por exemplo, em uma unha cortada, com apresentação final em fotografias ou vídeos. Enfatize-se, ainda, que a obra do artista não se restringe ao uso de sinais gráficos. Ferverza trabalha com amplas possibilidades de criação artística, com diferentes temas, questões, suportes e linguagens.

⁶ Em depoimento ao autor, via e-mail, em 21 de junho de 2020.

depois, sublinhe-se, do golpe de estado de 2016, que, disfarçado de impeachment, derrubou o governo da presidenta Dilma Rousseff.



Figura 2. Hélio Ferverza. *Conjunto vazio*, 1998. Adesivagem sobre parede, dimensões variáveis. Foto do artista.

Não por acaso, Ferverza chamou a exposição de *Tempos reversos*, em alusão ao princípio – caro à Física, à Matemática, à Biomedicina e a certas engenharias – que prevê não a sorte de viagens ao passado, nem o postulado filosófico do *eterno retorno*, mas, antes, a possibilidade de se recriar, em laboratório, as condições de engendramento de um determinado fenômeno. Em tese, isso permitiria a volta ao instante preciso antes de as coisas começarem a desandar. Seria uma espécie de contrafluxo da chamada *obsolescência programada*: uma *reconfiguração* de continuidades desejáveis. O sentido, na exposição, era obviamente metafórico: uma tomada de posição contra um presente tão incômodo.

Tempos reversos ocupava não apenas as duas salas principais de exposição da Galeria Mamute, mas se expandia por boa parte do prédio, desde a entrada, no térreo, passando pela escada, avançando pelo corredor e prevendo um deslocamento corporal entre as instalações.

Eram três séries de trabalhos que um pouco se embaralhavam. Na primeira, intitulada *Remanências*, réguas, em forma de colchetes, pendiam verticalmente

nas paredes, uma a cada canto (fig. 3). Esses colchetes, em acrílico preto, traziam números gravados em uma das faces (caberia notar que os *números*, que muito eventualmente apareciam na poética de Ferverza, se fizeram bem presentes em *Tempos reversos* e ganharam ainda a companhia de vírgulas, dois-pontos e palavras). Os números, à primeira vista remetendo a medidas espaciais, logo eram reconhecíveis como datas históricas: anos significativos para a História do Brasil. Estavam lá, entre outros, 2016 (ano do golpe contra Dilma); 1964 (ano do golpe civil-militar); ou 1500 (ano do Achamento). Alguns vinham espelhados, truncando uma leitura direta.



Figura 3. Hélio Ferverza, *Remanências*, 2018 (exposição *Tempos reversos*). Recorte a laser sobre chapa de acrílico, 130 x 15 cm (cada régua). Foto: Niura Borges.

Percebamos que não se estabelecia entre um colchete e outro um fechamento imediato, muito menos uma sucessão temporal. Uma data se alinhava ora com uma, ora com outra, propondo intervalos estranhos, variando conforme o ponto de observação de quem olha. O que aflorava com força no percurso do espectador eram justamente os lapsos, os vazios e a ideia de silenciamento nos intervalos entre diferentes períodos históricos.

Na segunda série de trabalhos – já apresentada em 2015, na Central Galeria de Arte, em São Paulo, sob o título *relógios: dias de areia: segundos de chuva*: (novamente com dois-pontos em aberto, no final do título) – combinavam-se (1)

chaves adesivadas, que dessa feita renunciavam a abrir e fechar, para se emendar horizontalmente umas às outras nas paredes; (2) quatro paus de chuva, instrumentos de percussão, que podiam ser manipulados pelos visitantes, produzindo um som similar ao de água escorrendo; e (3) um vídeo, que fazia as vezes de ampulheta, com dois pares de mãos escorrendo areia de uma para outra (figs. 4 e 5).

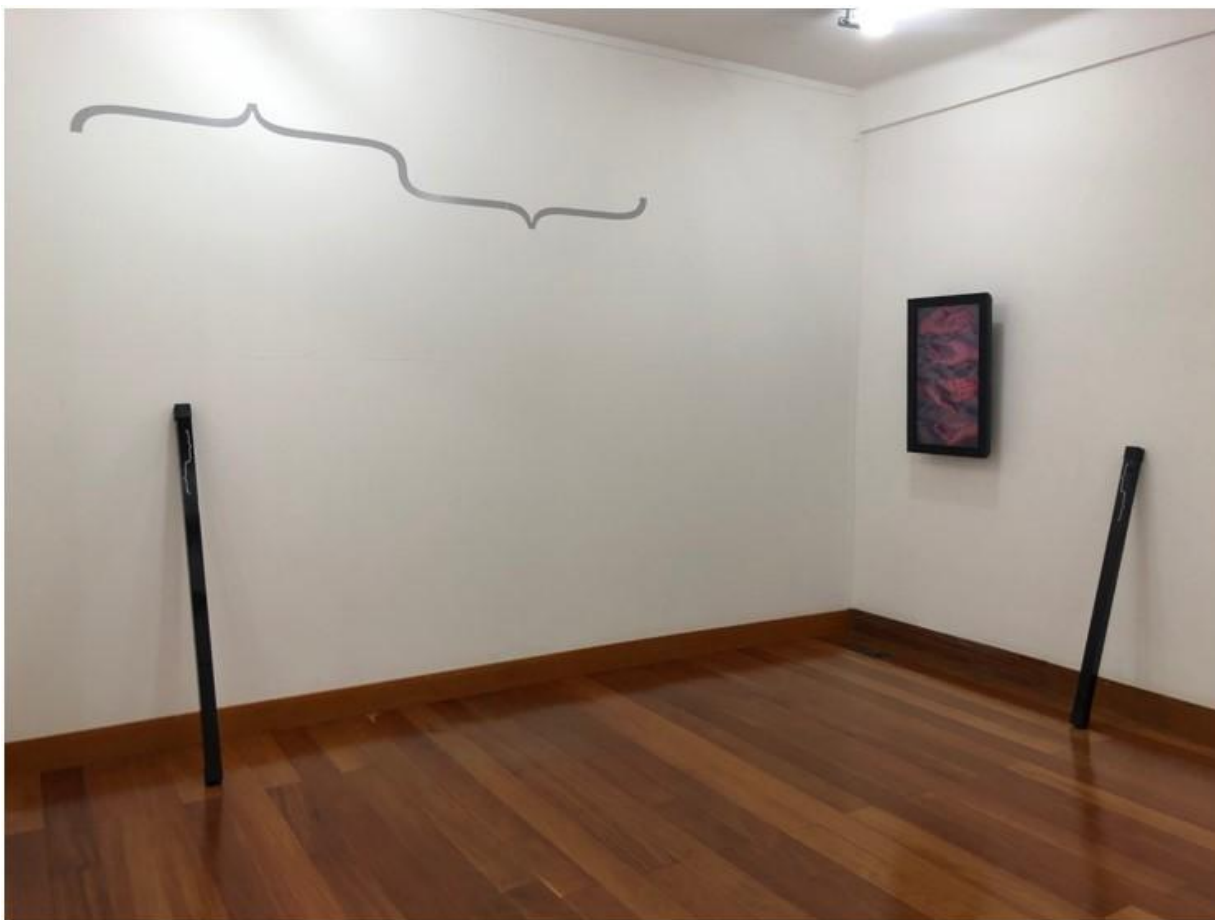


Figura 4. Hélio Ferverza, *relógios: dias de areia: segundos de chuva* (vista parcial da remontagem de 2018, na exposição *Tempos reversos*, na Galeria Mamute), 2015. Vídeo, quatro paus-de-chuva em acrílico, vinil adesivado sobre parede, dimensões variáveis. Foto: Niura Borges.

Os paus de chuva, quando virados de uma ponta à outra, produziam uma espécie de trilha sonora, de harmonia intuitiva e artesanal, que poderia se articular ao vídeo, também feito uma ampulheta, continuando ou descontinuando a imagem, estendendo ou abreviando o tempo.

A terceira série, sob o título *Inversões* (fig. 6), reunia um conjunto de dez impressões sobre papel de arroz, à guisa de xilogravura, linguagem em que Hélio tem longa e admirável experiência de trabalho. Nessas composições, além das chaves e colchetes, vinham carimbadas vírgulas, dois-pontos, a imagem padrão de um vidro a ser quebrado em caso de emergência e uma série de expressões

verbais. Em sua apresentação gráfica, as palavras passavam por diferentes alterações: ora se expandiam, ora se emendavam, se deformavam a partir de um ponto de fuga, se espelhavam ou surgiam de ponta-cabeça. A leitura se fazia trôpega e hesitante: o visitante era levado a duvidar de expressões como *lei*, *democracia*, *sim*, *não*, *cortina de fumaça* ou *vida normal*. Na síntese do próprio artista: “Uma linguagem que parece ter enlouquecido”.⁷



Figura 5. Hélio Ferverza, *relógios: dias de areia: segundos de chuva* (detalhe, frame do vídeo), 2015. Vídeo, quatro paus-de-chuva em acrílico, vinil adesivado sobre parede, dimensões variáveis. Foto: Niura Borges.

⁷ Em depoimento ao autor, via e-mail, em 21 de junho de 2020.

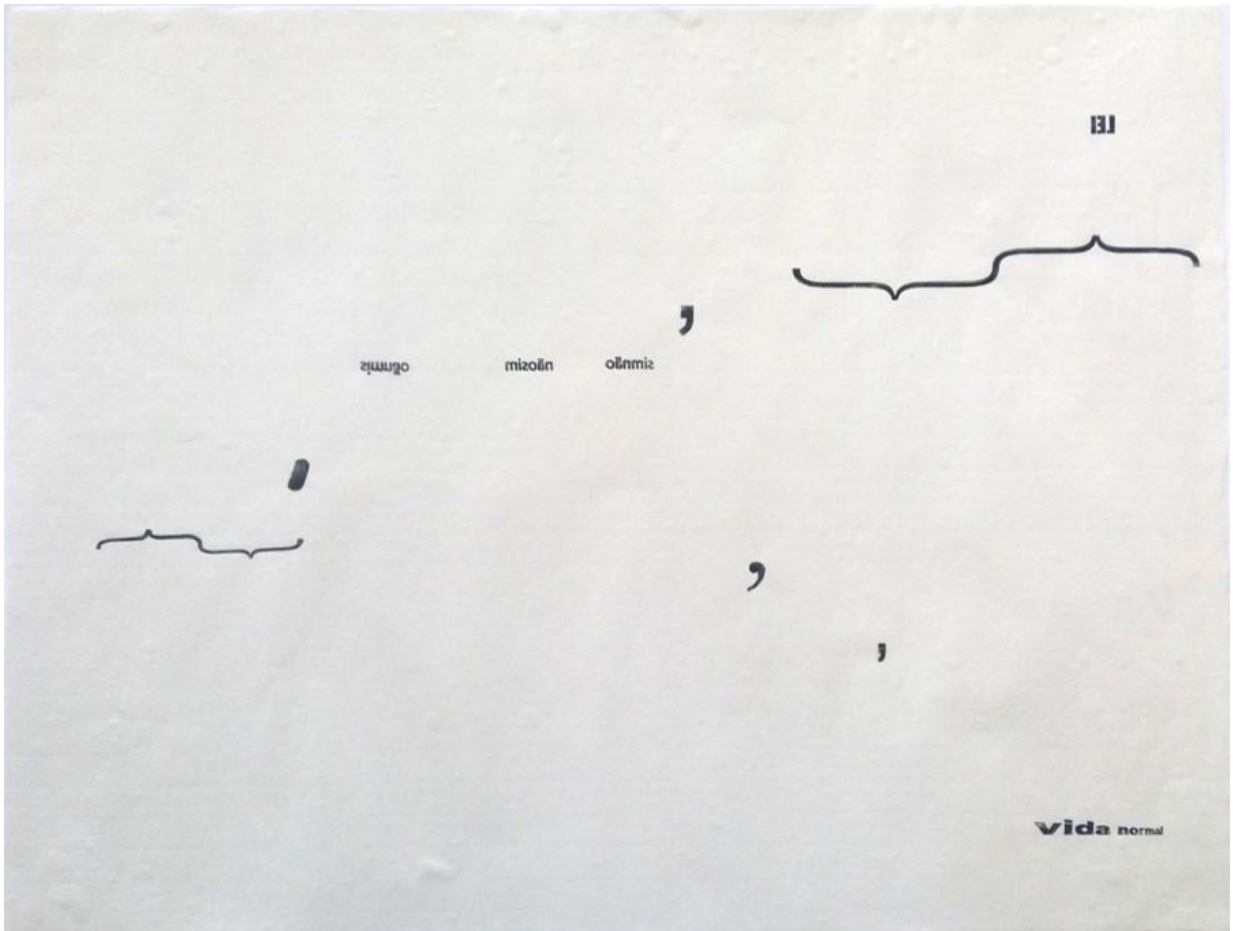


Figura 6. Hélio Ferverza, Série *Inversões*, 2018. Tinta de impressão carimbada sobre papel de arroz, 40 x 60 cm (cada gravura). Foto: Niura Borges.

Não proponho que *Tempos reversos* represente uma guinada política na prática artística de Ferverza, mas, sem dúvida, as três séries ali reunidas evidenciam a inconformidade e um desejo de manifestação crítica diante da situação do país. Isso não torna o trabalho do artista nem mais nem menos elevado. Emerge, porém, como índice dos caminhos da criação em tempos, como os nossos, sombrios – considere-se, por óbvio, que o trabalho de arte não se resume a refletir a época de sua instauração, pois trata, também, a seu modo, de forjar outras realidades e outros mundos.

Recupero, nessa altura, certo comentário de Agnaldo Farias sobre a obra de Cildo Meireles, quando o crítico, professor e curador busca identificar o ponto de vista através do qual o artista observa o presente: “[...] um lugar discrepante dentro da ordem estabelecida, desestabilizador e, portanto, eminentemente político”.⁸ Creio que é um lugar feito esse – também caro a Ferverza – que vem à tona, e com bastante força, nesses *Tempos reversos*.

⁸ FARIAS, Agnaldo. “Cildo Meireles: o lugar do artista, da obra, do público”. In: JAREMTCHUK, Dária; RUFINONI, Priscila (orgs.). *Arte e política: situações*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 37.

Mencionei antes a ideia de *suspensão de tempo*, ou *suspensão de tempo e espaço*, mas suponho que se possa imaginar, por fim, uma série de outras alterações de nossa percepção, como pretendi evocar desde o título dessa comunicação: a *compressão* de tempo e espaço, a *dilatação*, a *sobreposição*, ou até mesmo o que seria uma *perda de sentido temporal e espacial*. Somos conduzidos a uma posição algo incômoda, pouco natural, talvez inesperada, em que precisamos decidir se estamos dentro ou fora dos colchetes, dentro ou fora desses intervalos de tempo e espaço, que à primeira vista pareciam vazios. Nesse sentido, o visitante se projeta como algo ou alguém que foi esquecido, que foi apagado, ou que resta ainda por fazer, para ser desejado ou idealizado.

Sublinhe-se ainda que a noção de tempo na produção de Ferverza – para além da relação com o espaço ou da alusão direta ao passado histórico, lembrando que as datas “são os prendedores mais importantes como os quais podemos pendurar o conhecimento da história”, como propunha Gombrich⁹ – se oferece em outras camadas e espessuras de sentido. Há por vezes uma evocação do tempo-clima, com os paus-de-chuva; e do tempo-duração, com as medidas que cada visitante estabelece para os intervalos que vai percebendo. Temos ainda o tempo do olhar, o das horas perdidas, o das promessas de futuro.

Nas partes e no todo, esse conjunto de trabalhos – concebido em tempos sombrios – parece atravessar, absorver e, de alguma forma, enfrentar esses dias e os espaços em que eles transcorrem. Em um momento tão desprovido de sutileza, tão pobre em sobriedade e metáforas, em que essas metáforas se mostram até mesmo impraticáveis, não me parece ruim que a prática artística volte a apostar em tal possibilidade, ainda que utópica.

Referências

FARIAS, Agnaldo. “Cildo Meireles: o lugar do artista, da obra, do público”. In: JAREMTCHUK, Dária; RUFINONI, Priscila (orgs.). *Arte e política: situações*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 37-45.

GOMBRICH, E. H. "Um esboço autobiográfico". In: WOODFIELD, Richard (org.) *Gombrich essencial*. Porto Alegre: Bookman, 2012, p. 21-36.

JOYCE, James. *Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço – Uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VERAS, Eduardo. *Tempos reversos* (texto de apresentação da exposição homônima, folheto). Porto Alegre: Galeria Mamute, 2018.

⁹ GOMBRICH, E. H. "Um esboço autobiográfico". In: WOODFIELD, Richard (org.) *Gombrich essencial*. Porto Alegre: Bookman, 2012, p. 21.

VERAS, Eduardo. "(Arte do desencontro)". In: LUDEMANN, Marina (org.). *O poder da multiplicação / Die macht der vervielfältigung*. São Paulo: Estação Liberdade; Berlim: Kerber, 2018, p. 119-122.

Como citar:

FERREIRA VERAS, Eduardo. Suspensão (e outras alterações) de tempo e espaço na poética de Hélio Ferverza. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p.615-625., 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.051>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>